

Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

Fase fálica

Por Silvia Maia Bracco*

Articular o sexual e o infantil foi umas das geniais contribuições de Freud para compreender o psiquismo humano. A sexualidade da criança se revela no caminho da pulsão pelas zonas erógenas de seu corpo, culmina no Édipo e seus desdobramentos na sexualidade de todos nós. Contudo, não nos interessa entender esse processo numa perspectiva desenvolvimentista, isolado em fases, mas cumprindo um papel determinante na vida do sujeito e na futura organização da sexualidade genital.

Nos *Três Ensaios (1905)* Freud fala da sexualidade como uma experiência aberrante e perversa, onde a satisfação é encontrada por meio da excitação sensorial de zonas erógenas. Uma sexualidade de caráter parcial e marcada pela falta. Inicialmente ele indica duas fases, nesse processo: a oral e a anal. Mais adiante, em 1923 ele acrescenta uma terceira fase ao desenvolvimento sexual infantil que denomina de fálica, na qual, em ambos os sexos, as pulsões se organizam ao redor do falo. Esse interesse especial pelos genitais ocorre por volta do terceiro ano de vida da criança, que conhece aqui apenas o genital masculino e é entremeado pelas fantasias edípicas relativas aos pais.

É a partir de importantes textos sobre esse tema, escritos em 1923, 1924 e 1925 respectivamente: *A Organização Genital Infantil* e *A Dissolução do Complexo de Édipo* e *Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos* que Freud aponta como a criança abandona suas fantasias incestuosas em relação aos pais e vai em busca da satisfação com objetos substitutos. Com a percepção da diferença entre os sexos, a fase fálica é abandonada no menino, pelo temor a castração, e é substituída pelo período de latência.

Freud (1924), afirma que a organização genital fálica da criança sucumbe devido a ameaça de castração. Se a satisfação amorosa no terreno edípico, lhe custa o pênis, há um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o EU da criança se afasta do complexo de Édipo. Os investimentos objetivos são abandonados e substituídos pela identificação. A autoridade paterna é introjetada no Eu e forma o âmago do Superego.

Somente em 1931 e 1933 nos seus artigos sobre a sexualidade feminina, Freud oferece uma maior compreensão de como ocorre esse processo nas meninas. É o complexo de castração que abre caminho para o Édipo, no lugar de destruí-lo como no caso dos meninos. A menina é forçada a abandonar a poderosa ligação pré-edípica com sua mãe, percebendo a falta/inveja do pênis e encontra

no Édipo uma saída para lidar com sofrimento narcísico que isso provoca. Na sua fantasia, o pai dará a ela, o pênis/bebê que lhe foi negado pela mãe. Porém, para sair da situação edípica, terá de abandonar o pai como objeto de amor, já que seu desejo não encontrou satisfação. A menina tem que fazer esse complexo caminho rumo à feminilidade, que implica na troca de objeto de amor da mãe em direção ao pai e da zona erógena do clitóris para a vagina.

O essencial, nesse percurso, é pensar como o fálico se torna primordial para compreender a sexualidade. É a partir de uma referência ao falo, para Freud, que se dá a organização da vida psíquica e ele situa a castração no centro desse processo - a forma como é regulado o gozo e o que estrutura o desejo.

* Silvia Maia Bracco é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.